



RELAÇÕES ENTRE O DÉFICIT DAS HABILIDADES SOCIAIS E O ENVOLVIMENTO COM ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

KLEEMANN, Manuella.¹

SOUZA, Cristiano de.²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar acerca dos impactos nas relações entre o déficit das habilidades sociais e o envolvimento com álcool e outras drogas durante a fase da adolescência. As habilidades sociais têm sido apontadas como fatores de risco ou proteção que podem ser preditivos de comportamentos de risco, em específico, o envolvimento com substâncias psicoativas. Partindo do pressuposto que na fase da adolescência se torna essencial o desempenho e o aperfeiçoamento saudável dessas habilidades, visto que é uma fase em que ocorre a busca pela identidade e que influenciará a vida adulta. Ao abordar sobre o uso e abuso de drogas em adolescentes é importante lembrar que é uma fase de experiências que contribuirão significativamente no desenvolvimento biopsicossocial, sendo o bom desempenho das habilidades sociais fatores substanciais nesse processo. Nesse sentido, a pesquisa tem cunho de revisão literária que aborda as possíveis consequências que o déficit nessas habilidades pode impactar na vulnerabilidade ao envolvimento com substâncias psicoativas. Foi analisado como o processo do desenvolvimento saudável das habilidades sociais pode servir como fator positivo, quando essas são capazes de proporcionar um bom repertório de comportamento para lidar com fatores externos ao indivíduo. A literatura sustentou a fundamentação teórica do presente trabalho, sendo possível verificar que adolescentes que desempenham um bom repertório de comportamentos habilidosos para lidar com questões interpessoais, estão menos suscetíveis a comportamentos de risco, logo, envolvimento com drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades sociais, Adolescência, Drogas.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a uma revisão literária a partir da análise de materiais científicos publicados e apresentará a seguir uma discussão teórica que visa ampliar os conhecimentos dentro da temática que entrelaça a inter-relação entre as habilidades sociais e o uso e abuso de drogas em adolescentes.

Nos últimos anos, tem sido bastante discutido acerca do tema das habilidades sociais e suas relações com comportamentos de risco (WAGNER *et al*, 2010; CARDOSO, MALBERGIER, 2013; SÁ, DEL PRETTE, 2014; FOGAÇA, 2015; HORTA *et al*, 2016; SCHNEIDER, LIMBERGER, ANDRETTA, 2016; CAVALCANTI, 2018), sobretudo na fase da adolescência, visto que é uma fase crucial no desenvolvimento humano, carregada de fatores multifacetados por transformações físicas, emocionais e sociais. Nessa fase, os indivíduos enfrentam desafios singulares à medida que edificam

¹Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: makleemann@minha.fag.edu.br

²Esp. Psicanálise Clínica. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: cristianos@fag.edu.br



suas identidades, estabelecem relações com os pares e tomam decisões. Entre os desafios enfrentados, o envolvimento com substâncias psicoativas, como álcool e drogas ilícitas, surge como uma preocupação devido ao impacto na saúde mental e no desenvolvimento cognitivo e social, além disso, Monteiro *et al* (2012) indagam que é no início da adolescência que podem se formar alguns padrões de comportamento de risco, e estes tornam os adolescentes mais vulneráveis a ocorrências do consumo de álcool e drogas, delinquência e condutas sexuais arriscadas.

Por sua vez, as habilidades sociais desempenham um papel fundamental na capacidade dos indivíduos se relacionarem de caráter efetivo com outras pessoas e lidarem com as pressões sociais. Del Prette e Del Prette (2017) esclarecem que as obtenções das habilidades sociais servem como proteção e adaptação do indivíduo diante a sociedade, pois a socialização do indivíduo ajuda em sua constituição, e as habilidades sociais facilitam esse processo de forma saudável. Essas habilidades envolvem um conjunto de classes e subclasses de comportamentos socialmente eficazes nas relações interpessoais, envolvidas na comunicação, na empatia, na resolução de conflitos, entre outras capacidades que influenciam diretamente a qualidade dessas interações sociais. Dada a tênue ligação entre a adolescência e a formação de relações interpessoais, é natural explorar como as habilidades sociais podem influenciar as escolhas dos adolescentes, bem como se relacionam com as drogas.

Esta revisão literária tem como objetivo analisar e investigar os impactos e as relações entre o déficit das habilidades sociais e o envolvimento com álcool e outras drogas durante a fase da adolescência. Além disso, pretende-se identificar lacunas no conhecimento que requerem mais investigação, a fim de informar estratégias de prevenção e intervenção eficazes. Buscou-se assim, contribuir para a base do conhecimento científico que sustenta a promoção da saúde mental e do bem-estar dos indivíduos, além de auxiliar no desenvolvimento saudável da fase da adolescência.

A relevância acadêmica desta pesquisa é por contribuir sobre conhecimentos acerca das habilidades sociais na adolescência. Sendo que, do ponto de vista social, busca auxiliar os profissionais da área a aumentar a compreensão sobre os fatores que contribuem no desempenho das habilidades sociais, e as inter-relações com o envolvimento com drogas, fazendo uso de intervenções assertivas. Tal compreensão pode ter impactos significativos no desenvolvimento dos adolescentes, além de contribuir na prevenção e promoção do desenvolvimento de habilidades sociais saudáveis, logo, vindo a ser uma estratégia de prevenção em relação ao consumo de drogas.

As pesquisas evidenciam que o treinamento das habilidades sociais é possível e importante, sendo essas, eficazes para a tomada de decisão, resolução de problemas, de se comunicar e se



relacionar melhor com os outros. Os profissionais da saúde e os colaboradores envolvidos podem ser interlocutores nesse processo, sendo necessário que esses também desempenhem um bom repertório de suas habilidades sociais.

Concomitante ao que a sociedade se esforça para abordar as questões idiossincráticas relacionadas ao uso de drogas entre adolescentes, uma compreensão mais profunda das inter-relações entre habilidades sociais e comportamentos de risco pode fornecer *insights* para o desenvolvimento de estratégias preventivas e terapêuticas mais direcionadas. Por meio do presente estudo, buscou-se contribuir para a base do conhecimento científico que sustenta a promoção da saúde mental e do bem-estar dos indivíduos, além de auxiliar no desenvolvimento saudável da fase da adolescência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS DA FASE DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um termo socialmente construído, marcada por transformações físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Nas sociedades pré-industriais, não existia esse conceito, pois as crianças eram vistas como adultas quando atingiam a maturidade física ou começavam a aprender uma profissão. E foi somente no século XX que a adolescência passou a ser definida como uma fase de vida distinta dentro do contexto ocidental, visto que na cultura ocidental contemporânea, é amplamente aceito que os primeiros sinais de amadurecimento sexual, que surgem durante a puberdade, distinguem de forma tangível o início da adolescência. (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Existe uma discrepância sobre a definição da adolescência entre a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), visto que a primeira define a adolescência como o período que abrange a segunda década de vida, dos 10 aos 19 anos, e considera a juventude dos 15 aos 24 anos (BRASIL, 2007).

No Brasil, a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que fornece um conjunto de princípios que trata da proteção integral de crianças e adolescentes. Por sua vez, define uma criança como alguém com menos de doze anos e um adolescente como alguém entre doze e dezoito anos. Em casos específicos, a lei também se aplica a indivíduos entre dezoito e vinte e um anos. A lei dispõe que crianças e adolescentes recebam todas as oportunidades e apoio necessários para seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e



social, de forma livre e digna. Com essa lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trouxe uma nova perspectiva ao considerar as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, reconhecendo sua condição única de desenvolvimento. Além disso, reforçou a responsabilidade da família, sociedade e Estado em assegurar as condições necessárias em prol de garantir a proteção integral do desenvolvimento dessa população, bem como protegê-la de qualquer forma de discriminação, exploração e violência (BRASIL, 2022).

O conceito de adolescência engloba um amplo processo de desenvolvimento biopsicossocial, sendo a adolescência um fenômeno singular, caracterizado por influências socioculturais que se manifestam por meio de constantes reformulações de aspectos sociais, sexuais e de gênero, ideológicos e vocacionais (BRASIL, 2007).

A puberdade faz parte da adolescência e é caracterizada principalmente pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudanças na composição corporal, ocorrência de alterações hormonais e progresso da maturação sexual, que de acordo com Papalia e Feldman (2013, p.387) “Essas mudanças fazem parte de um longo e complexo processo de maturação que começa antes do nascimento, e suas implicações psicológicas podem continuar até a vida adulta”. Além dessas mudanças, surgem questões ligadas à imagem corporal, sexualidade, autoestima e identidade (NEUFELD, 2017).

Durante a adolescência, é comum encontrar uma maior incidência de crises de identidade em comparação a outras fases da vida. Isso ocorre devido à transição do adolescente para a vida adulta, que pode gerar explosões de emoções e dificuldades para lidar com elas, devido à sua inexperiência nessa nova etapa (GADÊLHA; GONÇALVES, 2017).

Nessa ideia, outras autoras trazem:

Algumas pesquisas atribuem intensa emotividade e instabilidade de humor no começo da adolescência a esses desenvolvimentos hormonais. De fato, emoções negativas como angústia e hostilidade, bem como sintomas de depressão em meninas, tendem a aumentar à medida que a puberdade avança (SUSMAN; ROGOL, 2004 APUD PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 388).

A essência da adolescência é a busca da identidade pessoal, sexual e ocupacional, que de acordo com Papalia e Feldman (2013, p.39) “À medida que os adolescentes amadurecem fisicamente, passam a lidar com necessidades e emoções conflitantes enquanto se preparam para deixar o ninho



parental”. Para Erikson (1950), a identidade é uma concepção coerente do *self*, constituída de metas, valores e crenças com os quais o indivíduo encontra-se solidamente comprometido. Aos poucos, o adolescente vai identificando a si próprio como um sujeito de direitos e deveres, que de acordo com Brêtas *et al* (2008, p.405) “é relevante, neste período de amadurecimento, a busca por uma identidade adulta, que se apresenta estruturada nas primeiras relações afetivas que estes tiveram no âmbito familiar, adequando-as, entretanto, a realidade atual, durante a sua interação com o meio vigente”.

À medida que os adolescentes amadurecem fisicamente, passam a lidar com necessidades e emoções conflitantes enquanto se preparam para deixar o ninho parental. A adolescência oferece oportunidades para o crescimento não apenas em termos de desenvolvimento físico, mas também em competências cognitivas, sociais, autonomia, autoestima e intimidade. Os jovens que possuem relacionamentos de apoio com seus pais, escola e comunidade têm maior probabilidade de se desenvolverem de maneira saudável. No entanto, os adolescentes podem enfrentar riscos para seu bem-estar físico e mental, incluindo altas taxas de mortalidade devido a acidentes, homicídios e suicídios (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A adolescência não tem suas marcas apenas por mudanças físicas da puberdade, mas também por avanços do pensamento concreto para o abstrato e hipotético. Ocorrem mudanças psicossociais relacionadas aos pais, à busca de independência com os amigos, à uma compreensão mais profunda de si mesmo. Além disso, não se trata apenas do desenvolvimento intelectual e cognitivo, mas de uma maturidade social (BERGER, 2003).

2.2 ADOLESCÊNCIA: TRAJETÓRIA DE RISCOS E VULNERABILIDADES

Conforme Dias (2000), alguns adolescentes correm maior risco de problemas de saúde mental pela razão de suas condições de vida, estigma, discriminação, exclusão e a escassez no acesso a serviços e apoios apropriados.

Na sociedade, existem ideias difundidas sobre a adolescência que estão associadas à ideia de crise, desordem e irresponsabilidade, sendo consideradas um problema social a ser resolvido e merecedor de atenção pública. Especificamente, a abordagem de risco está fortemente ligada a esses discursos, por meio de expressões como gravidez de risco, risco de contrair o HIV, risco de uso de drogas ilícitas e risco de morte por violência. Quanto à vulnerabilidade, é a capacidade do indivíduo ou de um grupo social de tomar decisões em relação à sua situação de risco, sendo diretamente



influenciada por fatores individuais, familiares, culturais, sociais, políticos, econômicos e biológicos. A noção de vulnerabilidade robustece a visão de que a humanidade é plural, construída a partir de sua diversidade e diferenças. Não é mais adequado pensar em ações e práticas educativas baseadas em uma perspectiva de universalidade da adolescência, pois é definida pelo ambiente ao seu redor, pelos contextos socioculturais e pela sua própria realidade, situando-as de acordo com seu tempo e cultura (BRASIL, 2007).

A intensa emotividade e a instabilidade de humor observadas no início da adolescência podem ser atribuídas às mudanças hormonais desse período, todavia, algumas emoções como angústia e hostilidade, assim como sintomas de depressão, tendem a aumentar à medida que a puberdade avança, especialmente em meninas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Os comportamentos impulsivos dos adolescentes, na natureza fisiológica, são explicados pela imaturidade dos sistemas corticais frontais, responsáveis pela regulação da motivação, impulsividade e vícios, e isso desencadeia uma tendência na busca por emoções e novidades. Nesse viés, a tendência dos adolescentes a se envolverem em comportamentos de risco pode ser resultado da interação de duas redes cerebrais diferentes. A primeira rede lida com aspectos sociais e emocionais e é sensível a influências sociais, como a pressão dos pares. A segunda rede está relacionada ao controle cognitivo e regula as respostas a estímulos. Durante a puberdade, a rede socioemocional se torna mais ativa, enquanto a rede de controle cognitivo amadurece de maneira mais gradual até a idade adulta. Esses estudos, podem ajudar a explicar a tendência dos adolescentes a experimentarem explosões emocionais e se envolvem em comportamentos de risco, dos quais muitas vezes ocorrem em grupos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Isso se deve ao fato, ao considerar o desenvolvimento cerebral ainda ser imaturo, que comumente os sentimentos apresentam uma influência maior do que a razão em alguns adolescentes.

O consumo de drogas psicotrópicas pode ter início na adolescência, geralmente por volta dos quinze anos de idade, predominando o consumo de drogas lícitas como o cigarro e o álcool. A progressão do uso experimental de drogas lícitas e ilícitas, como a maconha e a cocaína, para a dependência pode ocorrer devido a fatores biológicos, genéticos, psicossociais, ambientais e culturais (SILVA *et al*, 2014).

Em relação a situações de vulnerabilidade devido uso de álcool e outras drogas, que envolvem comportamentos de risco:



O uso e o abuso de álcool e outras drogas têm sido uma das principais causas desencadeadoras de situações de vulnerabilidade na adolescência e juventude a exemplo dos acidentes, suicídios, violência, gravidez não planejada e a transmissão de doenças por via sexual e endovenosa, nos casos das drogas injetáveis. Não fosse o consumo de drogas um problema suficientemente grave, temos ainda a problemática do tráfico, o qual representa, no Brasil e em outros países, uma séria ameaça à estabilidade social (BRASIL, 2007, p. 10).

O abuso de substâncias psicoativas, refere-se ao uso prejudicial de álcool ou outras drogas, e tal abuso pode levar à dependência química, também conhecida como adicção, que pode ser de natureza fisiológica, psicológica ou ambas, e que tende a persistir até a idade adulta. O uso de drogas que causam dependência, se torna ainda mais perigoso durante a adolescência, uma vez que elas estimulam partes do cérebro que ainda estão em desenvolvimento, todavia, essa fase é mais vulnerável que a fase adulta aos efeitos imediatos e de longo prazo do álcool sobre a aprendizagem e a memória (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Na mesma ideia Silva e Mattos (2004) trazem que o uso de substâncias psicoativas causa uma ativação do sistema de recompensa maior do que nos adultos, e quando esta aliada a impulsividade típica desta fase, coloca o jovem em maior vulnerabilidade em relação às drogas.

Segundo Atkison *et al* (2017), *a priori*, o uso de drogas tem como finalidade a experimentação, entretanto, alguns adolescentes passam a precisar do efeito de reforço vindo da substância, isto se deve ao fato dos indivíduos estarem mais vulneráveis fisiologicamente e psicologicamente. Em um estudo realizado em área urbana com alto risco de criminalidade foi verificado que os adolescentes de ambos os sexos são expostos a altos níveis de desvantagem social e são estimulados a apresentar comportamentos agressivos como uma estratégia de enfrentamento (SÁ *et al*, 2009). Considerando este fato, o uso precoce das substâncias muitas vezes está relacionado a questões psicossociais, visto que estes se inter-relacionam de maneira individual, familiar, social e escolar. Estes contextos, podem contribuir tanto para a proteção ou risco em relação ao uso de drogas, sendo difícil prever quais adolescentes entre os que experimentaram drogas se tornarão dependentes, entretanto, os futuros dependentes serão aqueles que se expuseram ao uso de substâncias. E ainda, quanto mais cedo o uso de drogas maior o risco de consequências graves, pois o uso na infância ou na adolescência está relacionado a diversas consequências negativas nessa fase, que será preditor para a vida adulta (PARADA, 2013).



2.3 HABILIDADES SOCIAIS: CONCEITO E RELEVÂNCIA

As habilidades sociais são conceituadas por Del Prette e Del Prette (2017) como comportamentos socialmente bem aceitos em determinada cultura, com probabilidade a serem reforçados positivamente para o indivíduo, contribuindo para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais. Em outras palavras, são conjuntos de classes e subclasses de comportamentos sociais no repertório que o indivíduo apresenta e responde para lidar com as demandas de situações interpessoais. Nessa ideia, podem ajudar a lidar com fatores estressantes e a responder conflitos interpessoais de maneira mais positiva. Entre esses conjuntos de habilidades sociais, destacam-se algumas principais: as habilidades de comunicação para fazer e responder perguntas, bem como manter uma conversa do começo, meio e fim; as habilidades de civilidade, como agradecer, apresentar-se, cumprimentar; as habilidades de assertividade em expressar opinião, recusar pedidos, lidar com críticas, lidar com a raiva, pedir a mudança de comportamentos a terceiros; habilidades empáticas e expressão de sentimento positivo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002).

As habilidades sociais são comportamentos que permitem que os indivíduos tenham interação efetiva com as outras pessoas, favorecendo a competência social, logo, os relacionamentos interpessoais se tornam saudáveis e bem-sucedidos. O comportamento habilidoso, especificamente na infância, pode ser visto como um fator de proteção para o desenvolvimento saudável, pois aumenta a capacidade da criança em lidar com situações adversas e estressantes, o que se expressa em maior senso de humor, empatia, habilidades de comunicação, de resolução de problemas, autonomia e comportamentos direcionados a metas previamente estabelecidas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Neste conceito, quando as habilidades sociais são bem desenvolvidas desde a infância há uma grande chance de comportamentos habilidosos no futuro, por exemplo, na adolescência.

Considerando o exposto sobre a importância dos comportamentos socialmente habilidosos, bem como o fato do ser humano ser social, como fazer parte de um grupo, é algo intrínseco da atuação humana, sendo a socialização um grande fator do desenvolvimento humano, e a sua diferenciação se deve ao aperfeiçoamento do repertório das habilidades sociais.

As obtenções das habilidades sociais servem como proteção e adaptação do indivíduo diante a sociedade, pois a socialização da criança ajuda em sua constituição, e as habilidades sociais facilitam esse processo de forma saudável (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Piaget e Inhelder (2002) afirmam que na infância, o desenvolvimento cognitivo está estritamente relacionado à afetividade e



à socialização, entretanto, as experiências com o rompimento de vínculos familiares ou perda de figuras de referência na infância podem estar associadas aos danos em detrimento ao desenvolvimento da linguagem e das habilidades sociais (FEIJÓ; DE OLIVEIRA, 2016). Desenvolver o repertório de habilidades sociais ainda na infância pode refletir no futuro do indivíduo e em suas relações interpessoais:

A socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento inicial da criança. Ela se caracteriza pela ampliação e refinamento do repertório de comportamentos sociais e, simultaneamente, pela compreensão gradual dos valores e normas que regulam o funcionamento da vida em sociedade. A análise desse desenvolvimento deve levar em consideração os diferentes processos de aprendizagem dos comportamentos sociais valorizados no ambiente (familiar, escolar e de lazer), a identificação dos tipos de déficits e a importância desses contextos para a aquisição de habilidades sociais (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p.50)

Del Prette e Del Prette (2013) afirmam que as dificuldades interpessoais associadas a problemas comportamentais derivam, em grande parte, de uma falta de habilidades sociais, especialmente em relação à empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas, baixa autoestima e impulsividade, dentre outros. Entretanto, Wilkins e Matson (2007) delineiam que as habilidades sociais podem auxiliar a lidar com fatores estressantes e a evitar conflitos interpessoais, além disso, beneficiam o indivíduo a obter interações sociais necessárias para um funcionamento emocional e psicológico que seja saudável. Em outras palavras, Feitosa (2014) afirma que a presença de habilidades sociais minimiza a operação de estressores interpessoais e melhora a capacidade de resolução de problemas do dia a dia.

A literatura enfatiza que as habilidades sociais são repertórios relevantes que tem o início da prática desde a infância, e é constantemente aprimorado no percurso da vida de acordo com demandas interpessoais mais complexas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

As habilidades sociais que as pessoas desenvolvem ao longo de suas vidas são resultado das interações e experiências que tiveram, tanto aquelas que ocorreram de forma casual e não planejada quanto aquelas que foram propositadamente buscadas ou criadas em seu ambiente. No caso dos adolescentes, há indicativos de que as habilidades sociais agregam de forma positiva no desempenho acadêmico, relações interpessoais satisfatórias e saúde psicológica.



Nesse contexto, é importante destacar o papel das habilidades sociais na prevenção do uso de substâncias, pois os comportamentos socialmente habilidosos, são aqueles que permitem que uma pessoa expresse seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de maneira apropriada à situação, sempre com respeito aos outros. Esses comportamentos geralmente ajudam a resolver problemas imediatos e reduzem a probabilidade de que problemas similares ocorram novamente (CABALLO, 2003).

Segundo a pesquisa de Feitosa (2014), melhorar as habilidades sociais pode mudar a maneira como os indivíduos vivem suas vidas, tornando o ambiente mais positivo em termos de interações sociais. Isso, por sua vez, ajuda a reduzir o estresse e os sintomas de depressão, além de aumentar a autoconfiança e a autoestima de forma significativa.

2.3 HABILIDADES SOCIAIS E O USO E ABUSO DE DROGAS DURANTE A ADOLESCÊNCIA

Ao considerar a adolescência uma fase de maior vulnerabilidade, na qual pode ocorrer sentimento de insegurança e desamparo devido às mudanças físicas e psicológicas típicas dessa fase, Wagner e Oliveira (2007) apontam que algumas habilidades não foram desenvolvidas e sucessivamente os indivíduos buscam testar sua capacidade de se tornarem adultos. Nesse argumento, para obter poder e controle sobre si mesmos, alguns jovens buscam adquirir independência e se distinguir de seus pais, e optam por usar substâncias, frequentemente começando com cigarros, álcool e maconha, o que pode eventualmente levar ao uso de múltiplas drogas ilícitas (WAGNER; OLIVEIRA, 2007).

Na base da fundamentação do campo das habilidades sociais se apoia a ideia de que um amplo repertório de habilidades sociais representa um fator de proteção para interações interpessoais mais satisfatórias e para a saúde mental, entretanto, é observado que adolescentes em conflito com a lei tem dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Deste modo, estudos têm evidenciado a eficácia e efetividade do treinamento de habilidades sociais na promoção de habilidades interpessoais em crianças e adolescentes (GRESHAM, 2009; LOSEL; BEELMANN, 2003). As habilidades sociais também se apresentam como fator de proteção em estudos com adolescentes, demonstrando a sua função positiva para problemas de comportamento e transtornos psicológicos (SANTANA *et al*, 2017)



Em presença das diferentes condições de risco, ter um conjunto abrangente de habilidades sociais aumenta a probabilidade dos indivíduos a receberem apoio instrumental e emocional (DESSEN; BRAZ, 2000), como pesquisas teóricas apontam que as habilidades sociais são essenciais para descrever categorias de comportamentos significativos que são importantes para interações sociais bem-sucedidas (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010).

De acordo com Fogaça (2015), jovens que têm um histórico de prática infracional tendem a enfrentar desafios ao lidar com situações interpessoais, considerando que isto se baseia na ideia de que uma falta de habilidades sociais variadas pode aumentar o risco de desenvolvimento de comportamentos antissociais em adolescentes. Pesquisas sobre o desenvolvimento do comportamento antissocial (FARRINGTON, 2005; SNYDER *et al*, 2012 *apud* FOGAÇA, 2015), geralmente destacam comportamentos de risco, como agressão física na infância e atos de vandalismo, delinquência e uso de drogas na adolescência. Nesta perspectiva, o déficit das habilidades sociais pode exercer uma função proeminente no aumento da probabilidade de desenvolvimento do transtorno por uso de substâncias:

A preocupação relacionada à aprendizagem e ao aperfeiçoamento do repertório das HS se explica a partir das evidências de que seus déficits, ou comprometimentos, podem ter diversas consequências, como, por exemplo, a baixa capacidade de resolução de problemas, baixos níveis de qualidade de vida, problemas de aprendizagem, conduta antissocial, dificuldade nas relações interpessoais e relação com transtornos psicológicos diversos, como o transtorno por uso de substâncias (SCHNEIDER; ANDRETTA, 2017).

Além disso, são fatores de influência, o histórico do comportamento antissocial dos pais, redução do monitoramento parental na adolescência e influência dos pares. De acordo com Wagner e Oliveira (2007), os fatores que aumentam ou diminuem o risco do uso de drogas entre adolescentes envolvem aspectos psicológicos e sociais, sendo, importante que os jovens aprendam a lidar com suas características psicológicas que os tornam mais propensos a riscos, ao mesmo tempo em que fortalecem aquelas que os protegem contra o uso de substâncias psicoativas.

O modelo de déficits nas habilidades sociais sustenta a ideia de que crianças que não adquiriram habilidades adequadas de interação social desde cedo podem ser rejeitadas por seus colegas e, como resultado, podem se envolver em comportamentos prejudiciais, como violência e o uso de drogas ilegais (WAGNER; OLIVEIRA, 2007). Do mesmo modo Elias e Amaral (2016) indagam que a aquisição dessas habilidades, bem como um repertório mais elaborado, ainda na infância, pode repercutir em toda a vida futura do indivíduo e em suas relações interpessoais.



A área das habilidades sociais parte do pressuposto que os déficits dessas habilidades podem estar adjuntos a diferentes problemas psicológicos e que é possível aprimorar o repertório das habilidades sociais em várias etapas do desenvolvimento, utilizando diferentes abordagens em situações cotidianas estruturadas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010).

A literatura indica que problemas nas habilidades de autocontrole estão associados a um desempenho acadêmico deficitário, ao uso de álcool e drogas, comportamento antissocial e transtornos psicológicos em adolescentes (FOGAÇA, 2015). Da mesma forma, Limberger *et al* (2019), concordam que estão associados a situações relacionadas ao tráfico, ao uso de drogas, como resposta a dificuldades no autocontrole da agressividade. Em um estudo foi avaliado a relação entre o autocontrole e uso de álcool, drogas e delinquência em uma ampla amostra de estudantes do Ensino Médio, e os resultados demonstraram associações entre autocontrole, uso de álcool e crime contra patrimônio em adolescentes do sexo masculino (BENDA, 2005 *apud* FOGAÇA, 2015). As habilidades de autocontrole são demonstradas quando os adolescentes lidam com situações de críticas, provocações e desafios frustrantes, e conseguem controlar suas respostas agressivas, mesmo diante de tentativas infrutíferas de lidar com essas situações de maneira adequada (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009).

O aprendizado de novas habilidades sociais auxilia os indivíduos com dificuldades nas habilidades de assertividade, como lidar com a pressão dos grupos ou pares, e de acordo com Oliveira (2002), aprender novas habilidades interpessoais ajuda aqueles que têm dificuldade em serem assertivos a defenderem seus direitos de maneira mais eficaz, especialmente quando enfrentam pressões de outras pessoas para usar drogas. De tal modo, o treinamento de habilidades sociais pode preencher essas lacunas, fornecendo aos jovens um conjunto de comportamentos mais saudáveis e úteis para lidar com essas situações. Um estudo realizado com uma amostra de 314 jovens entre 18 e 30 anos, apontou a existência de déficits relacionados a estratégias de enfrentamento e nas habilidades de relacionamento com o sexo oposto, os quais influenciam o consumo de substâncias. Concluíram que déficits em habilidades sociais e do próprio indivíduo influenciam no consumo drogas, e a modificação desses déficits pode permitir a efetivação de programas de prevenção mais eficazes. (ALEXANDRE, 2004 *apud* WAGNER *et al*, 2010).

Schneider, Limberger e Andretta (2016) conduziram uma revisão bibliográfica que analisou a pesquisa acadêmica dos últimos dez anos sobre a relação entre habilidades sociais e uso de drogas. Eles identificaram que a falta de habilidades sociais pode ser um fator de risco para o uso de drogas,



enquanto o desenvolvimento de habilidades sociais pode ser um fator protetor contra o consumo de drogas.

Em um estudo de Cavalcanti (2018), que avaliou o percentil das habilidades sociais em adolescentes que usam maconha em comparação com aqueles que não usam drogas, encontrou diferenças entre o grupo de adolescentes usuários de maconha apresenta um percentil mediano inferior em relação ao grupo de não usuários de drogas. Isso sugere que, os adolescentes que usam maconha tendem a ter um repertório de habilidades sociais menos desenvolvido, pois os resultados demonstraram dificuldades em áreas específicas de habilidades sociais, incluindo habilidades de empatia, autocontrole, civilidade e desenvoltura Social. No entanto, foi observado que a subescala de habilidades de comunicação assertiva foi a exceção, apresentando um alto repertório nos usuários. Esse resultado sugere que, em relação à capacidade de se expressar de forma direta e assertiva, os adolescentes usuários de maconha demonstraram um desempenho relativamente melhor. Outro estudo de Limberger e Andreatta (2017), possibilitou avaliar as habilidades sociais em usuáries de crack, sendo encontrados déficits específicos na conversação e desenvoltura social, auto exposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade.

Silva *et al* avaliaram as habilidades sociais de pessoas que usam drogas e foram diagnosticadas com um transtorno relacionado ao uso de substâncias, enquanto estavam em tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas, a análise inicial do conjunto de dados revelou um desempenho comprometido nas habilidades sociais, indicando uma incidência significativa de déficits nessa área.

A relação entre influências e habilidades de prevenção ao uso de cigarro, álcool e maconha, foi demonstrado como um modelo eficaz nas competências de recusa, como na tomada de decisão de não usar drogas, visto que as habilidades de dizer "não" são eficazes para estudantes que já têm atitudes e crenças negativas em relação às substâncias, ajudando-os a tomar a decisão de não usar drogas. No entanto, essas habilidades são mais eficazes quando combinadas com abordagens que também tratam das atitudes e percepções de riscos associadas ao uso dessas substâncias (WAGNER *et al*, 2010). Segundo um estudo dos autores Victoir *et al* (2007), indica que melhorar as competências gerais, como habilidades de recusa e habilidades cognitivas, bem como uma reflexão crítica sobre as drogas em diferentes contextos de tipo de substância, local e prazo, pode ser uma abordagem eficaz para a prevenção do uso de drogas.



Um estudo quantitativo (WAGNER *et al*, 2007) comparou as habilidades sociais em dois grupos de adolescentes de uma amostra composta por 30 participantes, onde 15 pertenciam ao grupo de usuários de maconha de instituição de atendimento a dependentes químicos e 15 do grupo de não usuários, de instituição pública de ensino. O grupo de usuários de maconha apresentou desempenho mais prejudicado nas habilidades de autocontrole da agressividade a situações aversivas, evidenciando maior incapacidade para lidar com sentimentos e reações de agressividade, gerados em situações sociais que vivenciam. Foi observado que adolescentes que usam drogas geralmente têm dificuldades em lidar com suas emoções e reações em situações sociais. Isso pode levar à utilização da substância como uma maneira não eficaz de enfrentar essas dificuldades emocionais, como o déficit nos comportamentos assertivos. Os achados desse estudo também apontaram que o uso de substâncias pelos familiares pode aumentar as probabilidades de os adolescentes consumirem drogas.

Na mesma perspectiva, outros estudos de Silva *et al* (2003) indicam igualmente que o consumo de drogas pelos pais pode ser fator de risco ao envolvimento de drogas por parte dos adolescentes. O procedimento de aprendizagem social negativa ocorre, visto que as crianças podem aprender a lidar com seus problemas de maneira negativa, como o uso de drogas, à medida que crescem observando os adultos ao seu redor fazendo o mesmo, porque percebem isso como a única forma de enfrentar as adversidades levando a déficits nas habilidades de enfrentamento. Dessa forma, intervenções voltadas ao treinamento de habilidades sociais poderiam estimular o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento dos jovens, voltadas às pressões sociais. Por exemplo, a influência positiva do desenvolvimento das habilidades sociais como fator preventivo ao uso de drogas, trazido no artigo de Botvin e Griffin (2004) que discorreram sobre a abordagem de ensino de habilidades de resistência social ou recusa para prevenir o uso de drogas entre adolescentes. Reconheceram que várias influências sociais desempenham um papel, como o comportamento de consumo de drogas modelado por outros e a pressão social dos amigos. Portanto, se apoiaram no programa de treinamento de habilidades sociais que ensinam essas habilidades e se concentram principalmente em ensinar aos jovens como identificar e resistir a essas pressões. Os autores investigaram resultados desses programas e concluíram a presença da melhora na competência social e diminuição de motivações para o consumo de drogas, além de diminuir a vulnerabilidade às influências sociais.

Outros resultados obtidos por Brandt (2003), em seu estudo sobre programas de prevenção ao abuso de substâncias entre adolescentes na África do Sul, reforçaram a ideia de que o desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais foi eficaz na prevenção do uso de drogas, pois



houve uma diferença significativa nas mudanças de atitudes entre os adolescentes que participaram desses. Souza *et al* (2019) tiveram resultados positivos no treino de habilidades sociais, pois adolescentes em risco de vulnerabilidade social resultaram numa melhora nas habilidades acadêmicas após intervenção. Rodrigues *et al* (2019) confirmaram que as habilidades sociais melhoram a autoestima de adolescentes, visto que a população investigada teve impacto efetivo na autoestima após a intervenção do treino de habilidades sociais. Afirmando assim:

Portanto melhorar as aptidões gerais como habilidades de recusa, fortalecimento emocional e as habilidades sociais como um todo, podem ocasionar melhoras nas avaliações perante o uso iminente de drogas ou ainda auxiliar em situações de risco de recaída, visto que ser habilidoso socialmente pode ocasionar novas respostas de enfrentamento a drogadição (VIEIRA; FELDENS, 2013).

3. METODOLOGIA

A coleta de dados deste artigo se deu por meio de uma revisão de literatura, que permitiu identificar, conhecer, e destacar a importância das habilidades sociais como fator de proteção para que os adolescentes lidem de forma “positiva” às demandas adversas. Deste modo, as fontes aprofundadas sustentaram a proposta do trabalho. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.78) “a revisão de literatura tem papel fundamental no trabalho acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o”.

De tal modo, a revisão da literatura cita uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para a pesquisa, e leva ao reconhecimento da criação intelectual de outros autores. Abre um espaço para evidenciar que o campo de conhecimento que já está estabelecido, além de avaliar o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para o trabalho (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Ao delimitar o assunto da pesquisa, foi realizado um levantamento de referenciais teóricos publicados como artigos científicos, dissertações e livros, buscados por meio de bases de dados das plataformas como buscador *Google Acadêmico* e *Scielo*. Para o mapeamento terminológico foram utilizadas nas buscas as palavras: “habilidades sociais”, “habilidades sociais na adolescência”, “adolescentes em risco de vulnerabilidade”, “déficits de habilidades sociais e drogas”, “habilidades sociais como fator de proteção ao uso de drogas”, “adolescência e substâncias psicoativas”.



Destacamos que a finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou uma descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando por um modelo que sirva de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados. Nesse sentido, todo projeto de pesquisa deve conter as premissas ou os pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador fundamentará sua interpretação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Portanto, a revisão da literatura desempenha um papel crucial ao fornecer uma base sólida e um contexto valioso para a pesquisa.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Quando o estudo é direcionado aos aspectos que envolvem a adolescência, é preciso compreender e considerar que essa fase do desenvolvimento humano corresponde a indivíduos com alto potencial de vulnerabilidade. Essa por sua vez, remete a um estado de fragilidade diante as situações ambientais, sociais e subjetivas que se inter-relacionam, visto que, como citado por Fogaça, Tatmatsu, Comodo, Del Prette e Del Prette (2019) “O desenvolvimento humano envolve mudanças nos fluxos de interações entre um indivíduo ativo e o ambiente, sendo este último constituído por diferentes condições de estímulo que estabelecem funções eliciadoras, evocativas, reforçadoras e discriminativas para o comportamento”.

McMullin (2005) faz uma diferenciação entre indivíduos que abusam de substâncias e aqueles que são dependentes químicos, por assim, aqueles identificados como abusadores usam a droga como uma “muleta” para lidar com as adversidades e emoções causadas por estressores externos. Em geral, a crença é que esses indivíduos não tenham habilidades sociais suficientes para enfrentar os problemas, sem ter a suposta ajuda da substância. Ainda o autor afirma, diferentemente, os dependentes químicos têm a questão da predisposição genética para a dependência e comumente, têm pessoas da família com o mesmo problema, além de terem uma forte dependência física da substância.

Muitos dependentes químicos tendem a ver a si mesmos como incapazes de lidar com demandas sociais conflituosas, visto que eles têm uma autoimagem negativa de suas habilidades para resolver conflitos e muitas vezes procuram idealizar soluções para seus problemas. Assim, para os indivíduos lidarem com tais adversidades, eles recorrem ao uso de substâncias psicoativas, como forma de solução. É observado que a falta de habilidades sociais adequadas e a busca pela sensação



de alívio proporcionada pelas substâncias são fatores que contribuem para o uso contínuo de drogas por parte dos abusadores de substâncias (PINHO; OLIVA, 2007).

Adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco ao uso de drogas, geralmente, têm maior dificuldade para aproveitar ao máximo as recompensas que podem ser obtidas nas interações sociais. Estas dificuldades, consistem com a influência da falta de habilidades sociais e do ambiente inadequado, logo, aumenta o risco de comportamentos desadaptativos por parte dos adolescentes.

Caballo (2003) destaca que a falta de habilidades sociais pode ser um fator que contribui para a dependência das drogas, sobretudo, devido à percepção de que as drogas podem ser usadas como ferramenta ou recurso para lidar com situações sociais. Segundo o autor, evidências baseadas em pesquisas sugerem que a ausência de habilidades sociais adequadas pode estar relacionada ao uso de diferentes tipos de drogas. Considerando o exposto, o uso de drogas comumente é associado a uma maneira de lidar com os desafios da vida cotidiana ou com pressões externas significativas, em vez de adotar comportamentos assertivos para enfrentar essas situações. Isso implica que algumas pessoas podem compreender o encontro com a droga como uma maneira de alcançar atributos específicos em contextos sociais, como melhorar a interação social, reduzir a ansiedade, aumentar a confiança ou experimentar prazer temporário em encontros sociais. É importante observar que essa percepção pode variar de pessoa para pessoa e não reflete necessariamente a visão geral sobre o uso de drogas na sociedade. Ainda, deve-se considerar a idiossincrasia dos seres humanos, pois cada indivíduo/grupo possui características individuais e peculiares para comportamentos, crenças, reações emocionais, preferências ou padrões de pensamento.

Para alcançar a redução de vulnerabilidade, Guimarães e Novaes (2009 *apud* BITTENCOURT *et al*, 2015), afirmam que se faz necessário identificar as limitações, ou seja, entender quais são as barreiras e desafios que o indivíduo ou grupo enfrentam, além de conhecer e entender os fatores envolvidos em sua gênese.

É notório que os fatores de risco podem contribuir para a falta de habilidades sociais, mesmo antes de alguém começar a usar substâncias psicoativas. Porém, uma vez que o uso de drogas se torna um hábito, surgem outros obstáculos que dificultam a capacidade de adquirir e manter comportamentos sociais competentes. Em geral, os adolescentes podem exibir comportamentos e déficits sociais que os tornam mais propensos ao uso de substâncias psicoativas. Da mesma forma, as habilidades sociais que adquirem para lidar com os desafios cotidianos podem protegê-los contra o uso de drogas.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura revisada transcreveu evidências que corroboram ao fato, de que adolescentes com déficits nas habilidades sociais estão mais suscetíveis para lidar com as adversidades de forma positiva, e por consequência, se tornam mais vulneráveis ao risco de se envolverem com álcool e outras drogas como resposta.

As pesquisas têm demonstrado subsídios preocupantes sobre o aumento do uso de drogas entre os adolescentes, o que robustece a necessidade de aprofundar a investigação nessa área, visto que se tornou um problema de saúde pública tanto no Brasil quanto em todo o mundo. O consumo de substâncias psicoativas por adolescentes está aumentando a cada ano e está ligado a várias complicações que afetam diretamente suas vidas e saúde (PEUKER *et al*, 2020).

Inúmeros estudos vão ao encontro do que se observa na prática profissional, em que geralmente, os adolescentes abusadores e dependentes de drogas podem apresentar déficits em habilidades sociais, resultando em dificuldade na tomada de decisão, como recusar a oferta de drogas para serem aceitos nos grupos sociais, além da falta de habilidades de enfrentamento para lidar com demandas estressantes do dia a dia. Condizente com isto, Barkin, Smith e Durant (2002) apoiam a existência de tais déficits, sobretudo quanto à dificuldade em resistir às drogas e dizer não, ou seja, que o aumento de habilidades de resistência ao oferecimento de drogas, como a autoeficácia e tomada de decisões pode ser fator de proteção na redução do comportamento de uso e abuso de substâncias psicoativas.

É notório o desafio da complexidade dos aspectos ao uso de drogas, pois para alcançar uma resposta congruente, se faz necessário abordar a partir de diferentes perspectivas simultaneamente, visto que existem diversos fatores que se inter-relacionam, como influências sociais e ambientais, culturais, históricas, políticas, psicológicas, genéticas, entre outros.

Ressalta-se, que a dependência pelas drogas está associada a uma interação complexa entre diversos fatores biopsicossociais e que o desenvolvimento das habilidades sociais adequadas, pode exercer um papel importante na compreensão desse processo. É esperado, a partir do aspecto das habilidades sociais, contribuir para ampliar tal entendimento considerando especificamente a relação entre o desempenho interpessoal e o risco à dependência química, estimulando estratégias do treinamento de habilidades sociais por parte dos profissionais da área de saúde, em especial, os psicólogos.



REFERÊNCIAS

- ATKINSON, R. L. *et al.* **Introdução à Psicologia de Hilgard**. 16ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.
- BITTENCOURT, A. L. P. *et al.* Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Revista Bioética**, v. 23, n. 2, p. 311–319, maio 2015.
- BOLSONI-SILVA, A.T., & CARRARA, K (2010). Habilidades Sociais e Análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológica. **Psicologia em Revista**, 16(2), 330-350, 2010.
- BOTVIN, G. J.; GRIFFIN, K. W. (2004). *Life skills training: empirical findings and future directions*. **The Journal of Primary Prevention**, 25, 2, 211-232, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/226086316_Life_Skills_Training_Empirical_Findings_and_Future_Directions> Acesso em: 17 set.2023.
- BRANDT, C. C. J. (2003). *The development of a substance abuse prevention programme for early adolescents in KwaZulu Natal*. Dissertation, University of Pretoria, South Africa, 2003. Disponível em: <<https://repository.up.ac.za/handle/2263/26641>> Acesso em: 17 set.2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco Legal: Saúde, um direito de adolescentes**. Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf> Acesso em: 07 set.2023.
- _____. Secretaria nacional dos direitos da criança e do adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>> Acesso em: 08 set.2023.
- BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta paulista de enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008.
- CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Livraria Santos editora, 2003.
- CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A. Habilidades sociais e uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas em adolescentes. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 7, p. 761-768, 2013.



CAVALCANTI, M. G. V. **Habilidades sociais e suporte social em adolescentes usuários de maconha e não usuários de drogas.** Orientador: Sandra Leal Calais. (2018). 85 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo.** Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. Psicologia educacional, forense e com adolescente em risco: Prática na avaliação e promoção de habilidades sociais. **Avaliação Psicológica**, 5(1), 99-104, 2006.

_____. (2009). **Inventário de habilidades sociais para adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

_____. Habilidades Sociais e Análise do Comportamento: Proximidade histórica e atualidades. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, 1(2), 38-49, 2010.

_____. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática.** Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

_____. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual Teórico-prático.** Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16, 221-231, 2000.

DIAS, S. **A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência.** Psicologia, USP, v. 11, n.1, p. 119-135, 2000.

ELIAS, L. C. DOS S.; AMARAL, M. V. Habilidades Sociais, Comportamentos e Desempenho Acadêmico em Escolares antes e após Intervenção. **Psico-USF**, v. 21, n. 1, p. 49–61, jan. 2016.

FEIJÓ, L. P.; DE OLIVEIRA, D. S. Privações afetivas e relações de vínculo: psicoterapia de uma criança institucionalizada. **Contextos clínicos**, Rio Grande do Sul, v.9, p.72-85, 2015.

FEITOSA, F. B. A depressão pela perspectiva biopsicossocial e a função protetora das habilidades sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 2, p. 488–499, abr. 2014.

FOGAÇA, F. F. S. **Avaliação de habilidades sociais de adolescentes em conflito com a lei em interações com familiares e amigos: uma análise de metacontingências.** (2015). 186 f. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

FOGAÇA, F.F.S, TATMATSU, D., Comodo, C.N., Del Prette, Z.A.P., Del Prette, A. (2019). **Desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 21(2), 217-231, 2019.



GADÊLHA, L. N.; GONÇALVES, F. M. S. **A adolescência e a responsabilidade social.** (2017). **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**, Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, 2020.

GRESHAM, F. M. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações**, p. 17-66, Petrópolis: Vozes, 2009.

HORTA *et al.* Condições associadas a prejuízo de desempenho em habilidades sociais em uma amostra de conveniência de usuários de crack. **Cadernos de Saúde Pública**, 32(4), 2016.

LIMBERGER, J.; ANDRETTA, I. Habilidades Sociais e Comorbidades Psiquiátricas de Mulheres Usuárias de Crack. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 103-117, jan. 2017.

LIMBERGER, J. *et al.* Autocontrole da agressividade de usuárias de crack. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 13, n. 2, p. 173-184, dic. 2019.

LOSEL, F.; BEELMANN, A. (2003). *Effects of child skills training in preventing antisocial behavior: A systematic review of randomized evaluations.* **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, 587(1), 84-109, 2003.

MCMULLIN, R. E. **Manual de técnicas em terapia cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** São Paulo: Atlas, 2000.

MONTEIRO, C. F. S. *et al.* Adolescentes e o uso de drogas ilícitas: um estudo transversal. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 344- 348, 2012.

NEUFELD, C. B. **Terapia Cognitivo-Comportamental para Adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental.** Porto Alegre: Artmed, 2017.

OLIVEIRA, M. S. (2002). Abordagens psicoterápicas. Em Pulcherio, G.; Bicca, C. & Silva, F. A. (Orgs.). **Álcool, outras drogas, informação: o que cada profissional precisa saber** (pp. 125-145). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARADA, J. J. **Aspectos psicossociais relacionados ao uso de drogas na adolescência.** Percurso Acadêmico, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 10-21, jan./jun. 2013.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Difel, 2002.

PINHO, V. D.; OLIVA, A. D. Habilidades sociais em fumantes, não fumantes e ex-fumantes. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2007.



PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 21 set.2023.

RODRIGUES, A. S. *et al.* Treinamento de Habilidades Sociais na promoção da autoestima em adolescentes. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, 2021.

SÁ, L. G. C., & DEL PRETTE, Z. A. P. (2014). Habilidades sociais como preditoras do envolvimento com álcool e outras drogas: um estudo exploratório. **Interação em Psicologia**, 18(2). 2014.

SANTANA, M. L. S. *et al* (2017). A Relação entre Sintomas Depressivos e Habilidades Sociais em Adolescentes. Id on Line **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 11(36), 295–312, 2017.

SCHNEIDER, J. A.; LIMBERGER, J.; ANDRETTA, I. Habilidades sociais e drogas: revisão sistemática da produção científica nacional e internacional. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 34, n. 2, p. 339-350, 2016.

SCHNEIDER, J. A.; ANDRETTA, I. Habilidades sociais como fatores de risco e proteção entre homens usuários de crack. **Quaderns de Psicologia**, Vol. 19, n. 2, 151-161, 2017.

SILVA, E. F. *et al.* Experiências de Usuários de CAPS ad com o Uso Abuso de Drogas em João Pessoa-PB. **Journal of Reserch Fundamental Care Online**, v. 6, p. 1-17, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, M. L. DA . *et al.* Evaluation of the repertory of social skills of users of psychoactive substances under treatment. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 849–858, out. 2018.

SILVA, V. A.; MATTOS, H.F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: PINSKY, I.; BESSA, M.A (orgs). **Adolescência e Drogas**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA V. A. *et al.* Estudo brasileiro sobre abuso de substâncias por adolescentes: fatores associados e adesão ao tratamento. **Rev Bras Psiquiatr**. 25(3):133-8, 2003.

SOUZA, M. S. *et al.* (2018). Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para alunos em situação de vulnerabilidade social. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 21(3), 135-158. 2019.

VICTOIR A. *et al.* Association of substance-use behaviours and their social-cognitive determinants in secondary school students. **Health Educ Res**. 22(1):81-94, 2007. Disponível em: <<https://academic.oup.com/her/article/22/1/81/579909>> Acesso em: 15 set.2023.

VIEIRA, A.C. S; FELDENS, A. C. M. **Habilidades sociais, dependência química e abuso de drogas: uma revisão das publicações científicas nos últimos 6 anos**. Curso de Especialização em Dependência Química e Promoção da Saúde das Faculdades Integradas de Taquara, 2013.



WAGNER, M. F.; OLIVEIRA, M. S. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 101-116, dez. 2007.

WAGNER, M.F. et al. O uso da maconha associado ao déficit de habilidades sociais em adolescentes. **SMAD Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 6, n. 2, p. 255-273, 2010.

WILKINS, J., MATSON, J. L. *Social Skills*. **Department of Psychology**, Louisiana State University Baton Rouge, Louisiana, v. 34, p.321-363, 2007. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S007477500734010X>> Acesso em: 10 set.2023.